

# O ESPAÇO TURÍSTICO NARRADO POR INTERMÉDIO DOS BLOGS

## A construção de uma cartografia de experiências em Monte Verde/MG

*THE TOURIST SPACE NARRATED THROUGH BLOGS  
The construction of a cartography of experiences  
in Monte Verde/MG*

**Karine de Almeida Paula<sup>1</sup> e Maressa Fonseca e Souza<sup>2</sup>**

### Resumo

No contexto dos espaços virtuais, o artigo aborda a questão dos *blogs* de viagens, tidas como plataformas interativas e de compartilhamento de conteúdos de forma *on line*, e sua relação na construção de uma cartografia de experiências espacial a partir das narrativas projetadas no mesmo. Neste contexto, têm-se como objetivo analisar a projeção dos espaços de Monte Verde - MG nos *blogs* de turismo, verificando padrões de narrativas e como as mesmas contribuem na construção de uma cartografia de experiências urbanas e turísticas. De forma metodológica, foram escolhidos 15 *blogs*, mediante critérios pré-estabelecidos (descrever a cidade a partir de sua percepção e estadia; descrever pontos que mais despertaram curiosidade e atenção; descrever as atividades realizadas na cidade). A partir da leitura da representação cartográfica foi possível identificar a conformação de sete categorias que retratavam as formas distintas de experiências na cidade. De forma conclusiva, ao propor o descortinamento de uma possível cartografia das experiências em Monte Verde, o artigo avança na discussão de como cada indivíduo constrói a sua cartografia da cidade, revelando relações diferentes com os lugares e construindo imagens e percepções inatas à morfologia e paisagem da cidade.

Palavras-chave: experiências urbanas, cartografia, Monte Verde-MG, espacialidade turística.

### Abstract

*In the context of the virtual space, the article addresses the issue of travel blogs, regarded as interactive platforms and content sharing online, and their relationship in the cartography of spatial experiences construction from the narratives projected in it. In this context, we aim to analyze the projection of Monte Verde - MG spaces in tourism blogs, verifying narrative patterns and how they contribute to the cartography construction of urban and tourist experiences. Methodologically, 15 blogs were chosen through pre-established criteria (describing the city from its perception and stay, describing points that most aroused curiosity and attention, and describing the activities performed in the city). From the reading of the cartographic representation, it was possible to identify the conformation of seven categories that portrayed the distinct forms of experiences in the*

<sup>1</sup> Geógrafa, graduanda em Arquitetura e Urbanismo, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela UFV. Professora no Centro Universitário de Viçosa, Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

<sup>2</sup> Arquiteta urbanista, mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e doutora em Economia Doméstica pela UFV. Professora no Centro Universitário de Viçosa, Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

*city. Conclusively, by proposing the unlocking of possible cartography of experiences in Monte Verde, the article advances in the discussion of how each individual builds his cartography of the city, revealing different relationships with places and building innate images and perceptions of morphology and landscape from the city.*

*Keywords: urban experiences, cartography, Monte Verde-MG, tourist spatiality.*

### Introdução

Este artigo apresenta uma abordagem sociológica, urbanística e geográfica acerca da dimensão turística de Monte Verde - MG e o modo como as experiências dos sujeitos no espaço, na figura dos turistas, podem contribuir na materialização de elementos que se traduzem numa cartografia para o local. Tais experiências são continuamente relatadas em *blogs*, sobretudo de viagens, e alcançam, na simbologia das palavras, delineamentos para a efetivação da forma de usar, ocupar e sentir o espaço.

No contexto dos espaços virtuais, o artigo aborda a questão dos *blogs* como plataformas interativas e de compartilhamento de conteúdos de forma *on line*. Neste trabalho os *blogs* são considerados um tipo de mídia social, responsável pela disseminação de pensamentos e ideias a respeito de um assunto. A nível de Brasil, os *blogs* começaram a se popularizar a partir dos anos 2000. Existem diversas modalidades e assuntos que são compartilhados nestas plataformas, com destaque particular neste artigo para o compartilhamento de comentários, imagens e experiências acerca de cidades turísticas. Desse modo, acredita-se que os *blogs* funcionariam como meios de propagação de relatos de experiências acerca das cidades turísticas, mediante a descrição e o compartilhamento de informações, e, em muitos casos, funcionando até mesmo como um guia turístico para os futuros visitantes.

Ao associar a figura dos *blogs* como plataformas interativas responsáveis por difundir ideias, impressões e opiniões acerca da cidade que foi visitada o artigo problematiza a possibilidade de tais mídias servirem como verdadeiros meios de influência para a construção de uma imagem da cidade (LYNCH, 1997), onde a descrição dos elementos presentes contribuiria numa roteirização a ser seguida no espaço. Ao narrar a sua experiência na cidade por meio de textos e imagens, o interlocutor acaba por difundir ali a sua impressão acerca do espaço, ou seja, a sua ótica da cidade.

De forma contextual, alguns trabalhos já vêm utilizando os *blogs* como fontes primárias para discussão de temas diversos, dentre eles as pesquisas envolvendo o turismo. São pesquisas que colocam os *blogs* como plataformas mediadoras entre o turista e o espaço da cidade a ser visitado à medida que há o compartilhamento de informações acerca da cidade, pontos turísticos que valem a pena serem visitados. É o caso do trabalho de Wichels (2018) que teve como objetivo estudar a relação entre os *blogs* e o comportamento do turista e turismo na cidade de Tenerife, em Portugal, verificando em que medida as atividades podem ser influenciadas pelas plataformas *on-line*.

Neste sentido, o artigo tem como objetivo analisar a projeção dos espaços de Monte Verde - MG nos *blogs* de turismo, verificando padrões de narrativas e como as mesmas contribuem na construção de uma cartografia de experiências urbanas e turísticas. A intenção do objetivo ao propor o estudo por meio de cartografias é analisar a forma como esta representação poderia estar associada à experiência dos sujeitos na cidade, sem a necessidade de recorrer a uma linguagem rígida, formal e matemática de coordenadas, projeções e escalas métricas.

A perspectiva de cartografia discutida neste artigo não se resume apenas a aquelas apresentadas em manuais e livros, sobretudo didáticos, onde se presume que a mesma seja formada por um conjunto de técnicas e que representam uma “[...] linguagem exclusivamente visual e submetida às leis fisiológicas da percepção das imagens” (JOLY, 2007, p. 13). Ou ainda como um “[...] conjunto de técnicas e conhecimentos científicos que resultam na representação do espaço por meio de mapas, cartas, croquis, esboço, etc.” (SILVA; FURQUIM JUNIOR, 2016, p. 79).

Tais definições configuram um universo de representações válidas perante a comunidade científica, contudo, a ideia de cartografia levantada por este artigo abrange uma perspectiva além da gráfica e visual somente. Dessa maneira, o propósito se configura em uma cartografia dos movimentos e fluxos acerca da narrativa de espaço e lugar, sob uma perspectiva cognitiva e, acima de tudo, abstrata.

Um exemplo notório é ilustrado por meio do trabalho de Pereira (2018) que propôs uma nova significação à cartografia, onde o espaço e o lugar fossem cartografados por meio de fotografias da cidade, numa tentativa de um experimento artístico. Tal propósito foi desenvolvido junto a estudantes da disciplina de Geografia e tinha como objetivo desmistificar a cartografia colocada à cidade turística de Venda Nova do Imigrante que por vezes se configurava por intermédio das fotografias turísticas publicadas em revistas, jornais e meios digitais. Os estudantes foram convidados a criarem a sua própria cartografia da cidade por meio da escolha de novas fotografias que representassem ali o seu cotidiano na cidade.

O resultado não se vincula apenas a uma cartografia de representação gráfica (desenhos, croquis), mas sim à descrição de processos que constituem uma forma de uso e ocupação do espaço e sua vinculação a signos<sup>3</sup> e formas presentes. Sendo assim, os mapas não precisam, necessariamente, de serem gráficos, podendo trazer representações orais, comportamentos e elementos de construção da imagem de um dado lugar. Um mapa construído a partir das palavras que mais simbolizam a experiência no – e do – espaço.

Diante de formas alternativas de cartografar o espaço, não ditadas apenas pelos modelos cartesianos, têm-se os trabalhos de Paese et al (2019) e Paese, Mariano e Volpato (2020) que se propuseram a elaborar cartografias temáticas que elucidassem a forma de ocupação e apropriação da cidade e de sua arquitetura, registrando cotidianos triviais. Os trabalhos citados têm como foco a cartografia da hospitalidade, entendida pelo modo como a arquitetura da cidade acolhe, e também é acolhida, pelos usuários da cidade mediante observação, registro e representação das formas de uso e ocupação destes espaços, assim como de modos de viver. As ações cartográficas se valem de diferentes formas para representar, e criar, cartografias subjetivas.

Em se tratando do espaço urbano a se colocar como objeto de análise tem-se o distrito de Monte Verde pertencente à cidade de Camanducaia, localizada no sul de Minas Gerais. Sua criação data de 1950 a partir da chegada da família Grinberg, imigrantes vindos da Letônia. A partir daí, outras famílias e amigos próximos ao precursor Verner Grinberg e sua esposa se interessaram pelo lugar e começaram a constituir propriedades, dando origem a um vilarejo com características alpinas.

3 O artigo adota o conceito de signo baseado nos relatos de Deleuze (2003, p. 4), onde “os signos são objeto de um aprendizado temporal, não de um saber abstrato. Aprender é de início, considerar uma matéria, um objeto, um ser, como se emitsem signos a serem decifrados, interpretados. Não existe aprendiz que não seja “egiptólogo” de alguma coisa. Alguém só se torna marceneiro tornando-se sensível aos signos da madeira, e médico tornando-se sensível aos signos da doença. [...] Tudo que nos ensina alguma coisa emite signos, todo ato de aprender é uma interpretação de signos ou de hieróglifos”.

As análises discorrem a respeito dos relatos da cidade que, continuamente, são (re) criadas pelos mercados de turismo, mas também por aqueles que visitam a cidade e compartilham suas experiências, principalmente de forma *on-line*. O intuito maior é identificar os elementos e recursos mais valorizados ou menosprezados que, em conjunto, conformariam uma simbologia de experiências e contribuiriam na criação de verdadeiros mapas de roteirização da cidade, demarcando espaços, elementos marcantes e territorializando experiências.

A cartografia das experiências, proposta pelo artigo, parte do pressuposto que os mapas, salvo as cartografias mais técnicas e tradicionais, se colocariam como formas para expressar como o sujeito percebe e concebe a cidade. Dessa maneira, a cartografia urbana estaria ancorada em compreender como cada sujeito estabelece diferentes relações com as paisagens, levando a construção de imagens e percepções inatas à própria morfologia e paisagem de uma cidade (PAULA, 2012).

Diante de tal contextualização, o artigo se encontra balizado na seguinte questão: De que maneira os relatos presentes nos *blogs* de turismo estariam colaborando na construção de uma narrativa de experiências de Monte Verde, influenciando na criação de roteiros a serem seguidos para uma possível usufruição do espaço?

#### **A cidade nos *blogs*: diário virtual de uso do espaço urbano**

Os *blogs* se apresentam como mídias que têm características semelhantes a um diário pessoal ou virtual. Seu layout facilita o rápido acesso e os conteúdos são apresentados de forma dinâmica e com rápida atualização. Uma de suas particularidades se dá em função da distribuição e organização dos conteúdos, onde os registros ou *posts* são organizados de forma automática guiada a partir de uma ordem cronológica, ou seja, o último registro irá aparecer em destaque na página. Em se tratando do perfil do conteúdo o mesmo pode conter fotos, vídeos, *links*, textos, não sendo necessário conhecimentos prévios de programação para manipular a interface se comparado a sites convencionais.

Em meio às discussões envolvendo as tecnologias digitais, Lévy (1999; 1996) traz para o debate conceitos-chaves tais como o ciberespaço e o virtual. Em suas obras, o autor destaca as possibilidades colocadas pela tecnologia em diversos setores na sociedade e as mudanças de comportamento, acesso e compartilhamento de informações perante os avanços da tecnologia computacional.

À vista disso, uma realidade virtual se colocaria como um ambiente digital gerido por um computador, proporcionando uma experiência interativa semelhante a um ambiente real, considerando o real como uma experiência física e tridimensional. Mas mesmo não havendo um ambiente físico concreto para a sua realização, “os sistemas de realidade virtual transmitem mais que imagens: uma quase presença”. (Lévy, 1996, p. 21).

Em se tratando da relação dos *blogs* e o turismo, o conteúdo contido em tais plataformas apresenta as cidades como lugares turísticos de forma a narrar/descrever as experiências naquele lugar, suas características e atratividades. Dessa maneira, tem-se a construção de uma narrativa que irá descrever a cidade e determinados pontos, consagrando-os ou não. Os *blogs* transmitem um convite às pessoas a visitarem o local, por meio de relatos de um texto informal associado a recursos imagéticos, no caso as fotografias.

O apelo visual dos cenários narrados nessas mídias se coloca como uma ferramenta de sedução ao mesmo tempo em que colabora para a criação acerca do imaginário

do espaço assim como para a materialização de uma imagem. Como bem argumenta Falco (2011, p. 27), “em uma sociedade dita como da imagem, os artifícios visuais servem de importante alavanca para conduzir o público à viagem imaginária”.

A imagem construída de acordo com Silva (2004, p. 32) se configura, primeiramente, numa “[...] concepção mental apreendida e estabelecida pelo indivíduo que resume seu conhecimento, suas avaliações e preferências sobre o ambiente em que vive.”. Dessa maneira, dado o seu caráter subjetivo a imagem decorrente se apresenta parcial, não representando assim toda a cidade e sim fragmentos, e também simplificada, pois tende a representar as informações selecionadas previamente pelo indivíduo (SILVA, 2004).

Neste contexto, ao transmitirem imagens diversas, os *blogs*, tratados aqui como meios interativos e de divulgação de lugares turísticos, acabam por contribuir na construção de “[...] uma espécie de *cartografia turística*, que irá designar locais atrativos nos mais diversos segmentos turísticos” (FALCO, 2011, p. 26, *grifo da autora*). Mesmo podendo ser considerada como uma cartografia resultado de uma imagem parcial e simplificada (SILVA, 2004), ainda assim reverbera numa forma de percepção e uso de uma cidade/ espaço, revelando atributos e estereótipos associados à sua imagem.

### **Narrativas cartográficas e experiências espaciais urbanas**

A cartografia nada mais é que a “[...] arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar os mapas” (JOLY, 2007, p. 7). No âmbito da ciência geográfica, área onde a produção e o uso de mapas são triviais, a cartografia tem por finalidade servir de base para “[...] fornecer representações em forma de produtos cartográficos [...]” (BURDA; MARTINELLI, 2014, p. 25).

No entanto, um mapa se apresenta como uma imagem incompleta de um terreno, haja vista que diferente de uma fotografia área não reproduz elementos tão fidedignos, mesmo o mais detalhado dos mapas se configura apenas como uma simplificação da realidade. Trata-se assim, de uma construção seletiva e representativa, que utiliza de símbolos e sinais apropriados pertencentes à semiologia gráfica<sup>4</sup> (JOLY, 2007).

Por vezes a cartografia está relacionada ao campo da linguagem, que nos dizeres de Girardi (2014) poder-se-ia até pensar num estatuto da linguagem dos mapas traduzido numa linguagem cartográfica. A ênfase dada a este tipo de linguagem se baseia no campo da comunicação, remetendo-se ao potencial comunicativo do mapa, assim como na assimilação dos códigos motivadores usados na construção e utilização dos mesmos. Ao decifrar os códigos presentes nas representações cartográficas têm-se diante de si os parâmetros da linguagem cartográfica.

Ademais, além de aplicações políticas, estratégicas e de desbravamento, que comumente são associados aos mapas desde a Antiguidade, os mesmos podem viabilizar representações de “[...] experiências diárias, como os obstáculos a serem enfrentados, ou os prazeres a serem degustados, assimilando tanto as quintessências de uma experiência corpórea (e, portanto, espacial) quanto temporal-perceptiva. Uma cartografia do mundo-vivido” (PAULA, 2012, p. 26).

<sup>4</sup> Trata-se de uma gramática da linguagem cartográfica. Nas palavras de Girard (2014), os fundamentos semiológicos, em especial na cartografia, se apresentam como um campo de estudos desde a década de 1960.

Dessa maneira, os mapas passam a adquirir uma simbologia e representação além de sua concepção técnico-formal. No entanto, tais prerrogativas ainda encontram muitas dificuldades em serem assimiladas e incorporadas ao meio acadêmico, dada a representatividade construída em tornos dos mapas, desde o ensino básico, o relacionando também a padrões de construções mais rígidos, regidos por convenções e sistemas de coordenadas.

Para Paula (2012, p. 26) a severidade técnica, em alguns momentos, tende a criar obstáculos no processo de estudo que fomentam a materialização de mapas como sinônimos de representações de linguagem e reflexão acerca do espaço geográfico, “[...] o qual não se resume aos atributos materiais, mas incorpora a dimensão afetiva e simbólica – tendo em seu germe nossos próprios espaços de vida”.

No que concerne às narrativas, de acordo com Freitas e Breda (2019), as mesmas vão muito além da escrita, se apresentando como uma oportunidade de anamnese de registros de experiências espaciais. Isto posto, ao estabelecer significações sobre itinerários, vivências e memórias espaço temporais, uma base de informações se colocam para a criação de distintos mapeamentos, representando formas onde cada sujeito compreende e expõe a sua espacialidade.

Ao estabelecer um elo entre a cartografia e narrativa, é importante definir o que se entende por narrativa. De forma contextual, a narrativa provém de uma representação textual, produto do gênero literário, onde “[...] o narrador constrói um enredo de espaço e tempo específicos, alternando entre linguagem verbal, visual e/ou gestual, por tradição em prosa podendo desaparecer ou não por trás de seus personagens.” (FREITAS; BREDA, 2019).

Ainda em busca de uma definição para a narrativa, agora na figura do narrador, Benjamim (1985, p. 130) adverte que o mesmo “[...] retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros [...] e incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.”. Sendo assim, “as narrativas podem descrever com muitos detalhes a realidade, porque a narrativa é carregada da experiência individual e social do narrador anterior ao fenômeno.” (FREITAS; BREDA, 2019).

A narrativa num formato de texto, nas palavras de Freitas e Breda (2019), tende a preservar a experiência do narrador, e por intermédio do recurso textual ele transfere ao leitor uma visão, uma ótica do que aconteceu. No entanto, a interpretação do leitor se dá mediante as suas próprias experiências (LYNCH, 1997). O texto apresentado ao leitor não constitui a totalidade daquilo que foi experienciado, se caracterizando por uma visão de mundo, haja vista que o narrador em tempo algum poderá reproduzir o real em sua forma completa.

### **Procedimentos metodológicos**

O artigo se classifica a partir de uma abordagem qualitativa de cunho exploratório e descritivo. Preceitos da fenomenologia<sup>5</sup> também embasaram a construção da metodologia e análise dos resultados.

<sup>5</sup> Os preceitos de fenomenologia tratados aqui estão ancorados nas discussões dos Geógrafos Humanistas, dentre eles Yi-Fi Tuan (1983), onde aborda questões centrais para o entendimento de como o indivíduo experiencia e entende o mundo e o espaço que o cerca.

A metodologia proposta se esbarra com questões envolvendo a subjetividade nos relatos presentes nos *blogs*, no entanto, como forma de aumentar a confiabilidade das informações foi selecionada uma amostragem contendo 15 *blogs* no período de 2014 a 2021. Uma das estratégias utilizadas de modo a aumentar a confiabilidade dos dados se refere à estatística textual. Os *blogs* escolhidos constituíram a base para a construção de um corpus de análise.

A coleta de dados na plataforma foi considerada como uma pesquisa de campo em uma comunidade virtual contendo dados abertos. Os *blogs* foram escolhidos a partir de seu contexto textual mediante alguns critérios: descrever a cidade a partir de sua percepção e estadia; descrever pontos que mais despertaram curiosidade e atenção; descrever as atividades realizadas na cidade. Um dos critérios mais importantes para a escolha dos *blogs* era a presença de textos que apresentassem a cidade e as experiências vividas ali. Tal critério foi importante, pois se deparou com *blogs* nos quais o assunto remetia-se às cidades analisadas, porém traziam apenas uma resenha a respeito de uma hospedagem, de um restaurante específico, enfim, fugindo um pouco do escopo do trabalho.

Com o intuito de facilitar a interpretação dos dados, recorreu-se à mineração de dados textuais (*text mining*) a partir do *software Voyant Tools* que se caracteriza como um aplicativo *online* e *open source* de análise de textos (*text analysis*). Dada as suas características o programa permite que os usuários trabalhem com seus próprios textos ou com textos já pré-existentes, tendo como objetivo a execução de funções básicas de mineração de textos.

Para tanto, foi necessário à construção de um *corpus* de análise, se baseando nos pressupostos colocados pela Linguística de *Corpus*, que se caracteriza pela coleta e análise de bases composta por dados textuais produzidos por falantes reais, tomando como exemplo os discursos, debates e postagens em mídias sociais, assim como textos históricos e outras formas de produção, tal como as transcrições de entrevistas. Este corpus foi composto por todos os textos selecionados e extraídos dos *blogs*. Os links foram inseridos na interface do *software* e o mesmo faz o processamento de todos de uma só vez e entrega ao final um compilado de informações a serem interpretadas e analisadas pelo pesquisador.

Dentre as várias opções de visualização dos dados que o *software* disponibiliza optou-se pela análise da frequência de palavras. A ferramenta contabiliza todas as palavras presentes no *corpus* de análise e elenca a quantidade de vezes que cada uma delas aparece, apresentando ao usuário uma estatística por meio de uma tabela de frequência ou uma nuvem de palavras, facilitando a compreensão dos termos mais utilizados assim como o seu grau de repetição.

No primeiro momento o *software* identificou, após o pré-processamento dos dados<sup>6</sup>, 5353 palavras, dispostas em uma tabela com a relação e a contagem de todas elas. De posse desta tabela foi analisada e feita uma filtragem manual seguindo o critério de experiências na cidade. Tal conceito de experiência abordado no artigo está ancorado nos pressupostos colocados pela Geografia Humanista que têm por objetivo o entendimento do mundo por meio do estudo das relações das pessoas com a natureza, assim como do seu comportamento geográfico e também dos sentimentos e ideias acerca do espaço e lugar (TUAN, 1982). Tais pressupostos relacionam a

6 O pré-processamento de dados é uma das fases aplicadas à mineração de textos cujo intuito é realizar uma limpeza dos dados, removendo possíveis ruídos, preparando o *corpus* para mineração. Neste momento o *software*, a partir de uma lista de *stop words* padrão, mas que também pode ser editada pelo usuário, retira caracteres indesejados, preposições, artigos, abreviações e outros mais.

experiência ao espaço vivido e existencial do indivíduo. Para os fenomenologistas, o meio ambiente (mundo) exerce um papel dinâmico na experiência humana.

Sendo assim, foram selecionadas as palavras, e suas respectivas frequências, que simbolizavam uma experiência do sujeito no espaço, desde experiências de lazer, consumo, seja de bens materiais quanto de comidas, bebidas, até formas de descanso e contemplativas<sup>7</sup>. Após esta filtragem chegou-se a uma amostra de 2182 palavras, que após o processamento foram separadas em 50 termos.

De posse destes termos (amostra final) foi utilizada para elaboração das representações cartográficas, que foram constituídas por: uma representação simbolizando a frequência de cada uma das palavras - na lógica da narrativa textual como um mapa de experiências; e uma representação temática por intermédio da técnica de *collage*. Esta técnica consiste numa obra artística ou representação feita a partir da composição de recortes variados de materiais/imagens ou papéis com texturas e cores diversas. São criadas assim representações abstratas, tendo sido uma forma de expressão importante nos movimentos artísticos, tal como o pop art.

Tanto para a primeira quanto para a segunda representação foi utilizada uma base cartográfica obtida por meio do *MapStyle*, uma ferramenta online gratuita do *Google* que permite personalizar mapas obtidos por imagens aéreas, extraído dali a conformação do traçado da cidade. De posse desta imagem, a mesma foi vetorizada e transposta ao programa de designer gráfico.

Para a primeira representação, os termos foram distribuídos sobre o traçado da cidade, no entanto não foram considerados critérios de georreferenciamento muito precisos. Havendo apenas uma tentativa de alocar as experiências mais representativas em pontos do território onde as mesmas podem ser identificadas. A exceção ocorre no caso das pousadas, pois as mesmas estão distribuídas ao longo de toda a malha adjacente à Avenida Monte Verde; e também das fotos e passeios, pois todo o vilarejo é passível de fotografias e passeios. É importante mencionar que por se tratar de uma base de dados organizada por meio da frequência de palavras uma forma encontrada para diferenciá-las seria por meio do tamanho da sua representatividade no mapa, onde o maior tamanho simbolizaria uma frequência maior e o menor tamanho uma frequência menor. Em seguida os termos foram agrupados por cores de modo a criar uma taxonomia de categorias de experiências em Monte Verde.

Já a segunda representação, tomando partido dos termos trabalhados e das categorias criadas, substituiu as palavras por ícones, dando origem a uma representação estilo *mood board*, ou também conhecido painel semântico que se caracteriza por uma coletânea de referências visuais, textuais, auditivas e até sensoriais, usadas com o objetivo de dar forma e visibilidade a uma ideia ou um pensamento. Tal construção sintetizaria, no plano da imagem, os ícones e signos inerentes à experiência do sujeito no espaço.

7 Conforme mencionado, por se tratar de uma abordagem da Geografia Humanista, foi utilizada uma taxonomia que proporcionasse um rol de palavras que traduzisse formas de interação do sujeito com o espaço, denotando assim, formas de comportamento espacial.



### O processo de formação do distrito de Monte Verde: do vilarejo de imigrantes à consolidação da paisagem turística

O distrito de Monte Verde surgiu no período entre guerras e foi povoado, inicialmente, por imigrantes originários da Letônia. Os atributos geográficos foram decisivos na definição e escolhas das famílias para fixarem residência. Estando localizado na Serra da Mantiqueira, a uma altitude média de 1650m, possui um clima subtropical de altitude, com uma grande incidência de pinheiros, araucárias e uma morfologia que se assemelhava às regiões montanhosas europeias.

Tanto a exuberância do lugar, que se assemelham as paisagens alpinas, quanto às condições climáticas foram fatores atraentes à chegada dos imigrantes, vindos inicialmente da Letônia e dirigentes dos primeiros movimentos de urbanização, e, mais adiante, os imigrantes oriundos da Hungria, Alemanha, Suíça, Itália e Rússia (CIRILO, 2006). A colonização letã e alemã teve grande representatividade e influência no estilo das construções, na culinária e artesanato no distrito (PIRES, 2008).

De acordo com relatos, em 1950, por iniciativa de Verner Grinberg<sup>8</sup>, um dos primeiros a ocupar o distrito em companhia de sua esposa, construiu um pequeno hotel, se constituindo como o primeiro hotel do distrito, viabilizando o surgimento de uma hospitalidade comercial, nos dizeres de Cirilo (2006), mesmo que embrionária, marcando o início das atividades turísticas. O distrito passa a atrair nesta época, dada à beleza de suas paisagens naturais, visitantes de São Paulo e outras partes interessadas. A ideia do hotel vem como uma tentativa de acomodar estes primeiros visitantes.

De vilarejo marcadamente com características rurais, colonizado pela família Grinberg, se constituiu, com o passar dos anos, em um destino turístico muito procurado. Guerra (2012) adverte que dadas às transformações pelas quais o distrito foi passando ao longo do tempo em decorrência do turismo, o local não é mais o refúgio de letões, tchecos, russos, alemães, italianos, enfim, migrantes do leste europeu, tendo a primeira geração dizimada pelo tempo. Os que ainda restaram já não se configuram mais como protagonistas do cotidiano local de Monte Verde, dividindo suas rotinas com turistas, empreendedores e famílias, pelas quais compraram terrenos e construíram casas de finais de semana.

Atualmente o distrito dispõe de uma rede de pousadas e restaurantes para atendimento da demanda de turistas. De acordo com o relatório do Mapa do Turismo (2022) o município de Camanducaia<sup>9</sup> tem recebido um total de 91.323 visitantes nacionais e 1.363 visitantes internacionais, e abrigando 85 estabelecimentos turísticos que são responsáveis por 475 empregos diretos. Este número é relativo aos estabelecimentos formais e devidamente registrados junto ao poder público. No entanto, é possível que este número possa ser maior caso haja estabelecimentos não regularizados em sua totalidade.

Diante de todas estas variáveis o município foi enquadrado na categoria B de um estudo realizado pelo Programa de Regionalização do Turismo, intitulado Mapa do Turismo. Os municípios que compõem o relatório foram indicados pelos órgãos estaduais de turismo em conjunto com as instâncias de governança regional, considerando para tanto critérios elaborados junto ao Ministério do Turismo. Tais critérios são categorizados em A, B, C, D e E, sendo atribuídos de acordo com o desempenho da economia do turismo na localidade. Esta categorização considera o desempenho da economia no Turismo mediante determinadas variáveis, dentre elas: quantidade de estabelecimentos de hospedagens e de empregos, a estimativa de visitantes domésticos e internacionais e a arrecadação de impostos federais nos meios de hospedagens. Dessa maneira, as letras correspondem a uma forma hierárquica, sendo A considerado de excelência e E certa precariedade. As letras neste intervalo vão ganhando expressividade conforme se aproximam da letra A.

As transformações pelas quais passou o distrito são iminentes. A rua central do antigo vilarejo conseguiu manter muito pouco do seu aspecto original, tendo muitos de seus espaços substituídos por restaurantes, cafés, lojas de produtos artesanais e galerias de compras. As pousadas se espalharam pelos quadrantes nas adjacências ao centro. O turismo trouxe implicações à dinâmica socioespacial, estabelecendo uma ação homogeneizadora do espaço, desconsiderando, por vezes, os aspectos pitorescos da

<sup>8</sup> Verner Grinberg nasceu em Riga, cidade localizada na Letônia, em 1910 e emigrou para o Brasil em 1913 em companhia de seus pais e outros imigrantes letos e também adeptos da religião Batista (CIRILO, 2006).

<sup>9</sup> O relatório não faz menção ao distrito de Monte Verde de forma isolada, apenas ao município de Camanducaia. No entanto, dada a expressividade do setor turístico presente no distrito em detrimento ao distrito sede, considera-se que a grande maioria dos dados faça jus à Monte Verde.

cultura local e sua essência estrangeira primária. A própria arquitetura aparentemente *kitsch* também contribuiu para tal processo nas palavras de Guerra (2012).

Diversas edificações foram construídas na tentativa de resgatarem as origens no processo de formação e ocupação do distrito, inicialmente por famílias de imigrantes italianos. Mas sabe-se que as construções realizadas por estas famílias tinham como objetivo servir de moradia e eram caracterizadas por unidades habitacionais simples. A arquitetura presente atualmente nas imediações turísticas do distrito são mais robustas e repletas de ornamentos (Figura 1).

A presença de estilos vernaculares da arquitetura presente na Região do Alpes (centro sul da Europa), tal como o chalé alpino, pequenos sobrados com telhados muito inclinados, tem presença obrigatória em pousadas, hotéis, restaurantes e lojas, e de forma menos frequente nas residências. As fachadas, como a estrutura de madeira aparente – também conhecido como enxaimel – se repetem em casas térreas, sobrados, pequenos edifícios. E uma das características mais marcantes também nas construções é o gabarito baixo, um aspecto realçado pelo mercado como um fator de qualidade paisagística típico de uma cidade aconchegante e menos agressiva, se comparada aos grandes centros urbanos (SILVA, 2004).

E esta tendência de reprodução da arquitetura das pequenas cidades do interior europeu com o desenvolvimento do turismo acabou se tornando uma regra geral, induzindo a construção de vilarejos temáticos, tal qual Monte Verde, influenciando até mesmo em sua categorização pelo mercado de turismo, ficando amplamente conhecida como a “suiça mineira”. Mesmo tendo sua origem em assentamentos de imigrantes europeus praticamente tudo que se observa ali são reproduções, totalmente descoladas dos costumes e do modo de vida da população, tendo sido construídas por empresários paulistas, cariocas, mineiros que reproduziram um modelo de cidade turística como Gramado, conforme aponta Silva (2004).

As construções materializadas tanto na Avenida Monte Verde e suas adjacências quanto em determinadas pousadas, foram pensadas como um elemento de transformação da paisagem turística. Dessa maneira, observa-se, como bem pontua Silva (2004), que algumas cidades turísticas tendem a reproduzir paisagens existentes em outros lugares como uma forma de representar ou expressar um passado de descendência estrangeiras, como por exemplo as cidades turísticas que se valem de cenários europeus ou também denominadas “vilas europeias”.

Surgem assim os cenários de lazer mediante a apropriação de imagens com o objetivo de integrar repertórios de lugares turísticos que, por sua vez, possam ser naturalmente identificáveis ou categorizados pelo turista (SILVA, 2004, p. 39). Neste contexto, um dos aspectos mais visíveis dessa cenarização em localidades turísticas se condiciona a:

Uma espécie de ‘arquitetura de fachada’ que pode ser verificada no espaço urbano, identificada por edifícios semelhantes em forma, dimensão e partido projectual, mas diferenciados por ornamentos que podem ser modificados ao sabor da moda ou segundo os temas específicos, como as cidades ‘européias’ brasileiras, que se distinguem pela arquitetura típica dos chalés de madeira.

Após a contextualização, importante e necessária, da localidade estudada, segue-se para a apresentação da cartografia das experiências, identificadas por meio dos dados levantados. Mas antes de tudo, torna-se necessário um adendo acerca dos dados coletados, tendo em vista seu grau de subjetividade. O turista, aqui considerado

na figura do relator dos *blogs*, ao visitar uma cidade tende a ir em busca do que há de melhor nela, sendo assim, “[...] a menos que venha em missão de negócios, sua prática fundamental é a de seguir roteiros capazes de informar o que a cidade ‘oferece de mais prazeroso’” (BARREIRA, 2012, p. 102).

Esta consideração torna-se importante, pois pode-se colocar como um possível viés aos resultados. No entanto, ainda sim, as análises se mostram pertinentes, à medida que buscam captar uma cartografia da cidade e que em conjunto pode alimentar uma imagem acerca da mesma, suscitando idealizações, que muitas das vezes, não correspondem à sua totalidade e muito menos à realidade de seus moradores.

### **Cartografando a “paisagem europeia”: cenários, produção de roteiros e experiências urbanas**

De forma contextual, é importante trazer um relato acerca dos *blogs* selecionados. Na maioria deles é possível observar uma narrativa em primeira pessoa, contendo uma descrição de várias atividades/experiências que foram realizadas no espaço pelo narrador e que podem ser reproduzidas por aqueles que percorrerem o mesmo espaço. Em outros momentos a narrativa se estabelece na terceira pessoa do singular, numa descrição dos espaços e atividades de modo a inserir o leitor em roteiros capazes de apresentar tudo àquilo que o espaço tem de mais prazeroso.

Ao conteúdo textual mesclam-se fotografias de atrativos, comidas, compras e o título “o que fazer em Monte Verde” elenca uma série de motivações para se conhecer o distrito. À vista disso, o que se percebe é que o narrador, também na figura de um turista, “[...] fala menos da cidade como um contexto objetivo e mais da experiência nela vivida” (BARREIRA, 2012, p. 111). Dessa maneira, tomando como referência os fragmentos textuais extraídos dos *blogs* e amparado numa lógica de mapas narrativos onde o texto se transforma em mapas permeados por simbologias, chegou-se ao compilado de informações que, juntas, sintetizam o conceito de cartografias de experiências defendido pelo artigo.

Esta cartografia ancora-se nas discussões levantadas por Tuan (1983) ao relacionar a tríade experiências - sentimentos - condição espacial. Em suas discussões o autor problematiza esta questão afirmando que “o espaço é experienciado quando há lugar para se mover” (TUAN, 1983, p. 13). Logo, “[...] o espaço pode ser experienciado de várias maneiras: como a localização relativa de objetos ou lugares, como as distâncias e extensões que separam ou ligam os lugares, e - mais abstratamente - como a área definida por uma rede de lugares” (TUAN, 1983, p. 14).

A esta perspectiva somam-se as ideias apresentadas por Paese (2017, p. 2) as quais advogam que “[...] o trabalho do cérebro é conectado ao corpo, que interage com o espaço através dos sentidos e o cartografa.”. Tais pressupostos reforçam a relação existente entre o indivíduo e o espaço e sua transmutação numa representação cartográfica.

Sob à luz de tais pressupostos são analisadas duas cartografias distintas que sintetizam a relação tríade entre experiências - sentidos - condição espacial. A primeira representação diz respeito às principais palavras extraídas do texto e, conforme já pontuado anteriormente, foi utilizada uma amostra contendo 2182 palavras que após o processamento pelo *software* foram selecionadas, de forma manual, 50 termos. A cartografia das experiências, resultado da compilação e organização dos dados, pode ser observada na Figura 2.



resort, chalés, lareira. A efígie do chalé se remete, na maioria das vezes, ao estilo alpino, característica presente na arquitetura austríaca marcada pelo uso da madeira. O distrito é circundado por hospedagens e ao serem mencionados nas narrativas presentes nos *blogs* conferem ao espaço uma experiência, e responsabilidade, de acolhimento, descanso e também requinte, na figura de hospedagens mais luxuosas. De um modo geral, a sexta categoria pode ser relacionada ao que é colocado por Silva (2004), ao analisar a associação entre as imagens formadas para um lugar turístico e elementos naturais, como o clima, vegetação e as formas de relevo e também de elementos culturais, tal como as festas populares, arquitetura, museus e monumentos públicos. Dessa maneira, nas palavras da autora, “estes dois grupos de eventos coadunam-se para formar um cenário específico: ao relevo montanhoso e clima frio, por exemplo, são associadas a arquitetura de chalés de madeira e comidas ‘quentes’ (queijos, vinhos, sopas)” (SILVA, 2004, p. 33). Tais associações parecem representar um universo imagético, e também imaginário, nas narrativas presentes nos blogs, fazendo com que um paralelo entre o espaço natural e o espaço construído entremeie a cartografia do lugar.

Já o termo fotos não foi agrupado em nenhuma categoria específica, pois parte-se do pressuposto que todas as experiências possam ser registradas, fazendo com que tudo seja registrado. A fotografia é tida como uma linguagem e uma maneira de perceber e interpretar o mundo, estando, desde o seu surgimento, muito relacionada ao universo do meio urbano moderno, registrando formas e relações distintas (REIS FILHO, 2016). E no caso do turismo, a fotografia tem uma ligação muito forte com o olhar do turista, fazendo com que “a obtenção de imagens fotográficas organize em parte nossas experiências enquanto turistas” (URRY, 2001, p. 187).

Em suas discussões, Reis Filho (2016) tece considerações acerca da relação entre a fotografia e a cidade e as possibilidades colocadas ao ato de fotografar como sendo responsável pelo registro de novas paisagens e experiências urbanas. De forma complementar o autor alega que,

O meio urbano, em todos os tempos, foi um tema privilegiado da tradição fotodocumentária, um vetor de seu desenvolvimento. O fascínio que emana deste grande objeto onírico cria de imediato a fotomania em seus residentes e se instala, ao lado do turismo e da família, como a maior fábrica popular da fotografia na sociedade de massas (REIS FILHO, 2016, p. 62).

De modo correlato, têm-se também os escritos de Sontag (1977) que aborda a importância dessa invenção humana do século XIX, mudando assim a forma como o indivíduo se relaciona com a imagem. A fotografia, nas palavras da autora, se desenvolve na direção de uma das atividades modernas mais singulares, o turismo. Sendo assim, “parece decididamente anormal viajar por prazer sem levar uma câmera.” haja vista que “as fotos oferecerão provas incontestáveis de que a viagem se realizou, de que a programação foi cumprida, de que houve diversão.”. Dessa maneira, é possível afirmar que “as fotos documentam sequências de consumo realizadas longe dos olhos da família, dos amigos, dos vizinhos” (SONTAG, 1977, p. 19).

No contexto da contemporaneidade, é salutar também associar a fotografia com o advento do *smartphone* e a popularização da internet móvel alavancado, ainda mais, o processo de registros no/do espaço, transformando o álbum impresso em álbuns virtuais (FERRARI; GANDARA, 2015).

De forma conexas as análises realizadas até então, chega-se à segunda representação (Figura 3), contendo, por meio de colagens, o destaque dos termos mais frequentes na representação anterior, no entanto, agora o destaque se dá para os ícones que simbolizam as experiências e sintetizariam, talvez, um imaginário acerca do distrito. Imaginário este marcado por uma roteirização, concedendo um “padrão” no uso daquele espaço, e, por assim dizer, da própria experiência.

Os imaginários destacados aqui se relacionam à tese defendida por Silva (2014, p. 37) de que “[...] a construção dos imaginários não é uma questão aleatória, obedecendo a regras, representações, formações discursivas e sociais profundas, de intensa manifestação cultural”. Nesta construção evidenciam-se emblemas urbanos, caracterizados como elementos eleitos pelos indivíduos como àqueles possuidores de elevada concentração simbólica diante de representações coletivas, desempenhando a função de ícones no reconhecimento de paisagens (SILVA, 2014).

A representação alcançada por meio da técnica de *collage* representa os principais ícones descritos na narrativa dos *blogs* e associam-se a formas distintas de experimentar a cidade. Conforme evidenciado por Paula (2012), estas questões acabam por fomentar uma discussão além da cartografia em si, estendendo-a à própria paisagem da cidade, na proporção de sua forma. Dessa maneira, a paisagem, além de se configurar como forma, também pode ser vista como “[...] experiência, pois são os significados que são dados à sua morfologia que produzem maneiras distintas de qualificá-la.” (PAULA, 2012, p. 24).

### Considerações Finais

Ao explorar a questão da cartografia como forma de representação das experiências colocadas à cidade, novas possibilidades, ainda pouco exploradas tanto no campo da Geografia quanto na Arquitetura e Urbanismo, se colocariam como ferramentas adicionais aos estudos urbanos. Embora analisar cartografias não mensuráveis, isto é, que não dispõem de parâmetros geométricos de comparação, assim como de um sistema de referências e coordenadas que apontam orientação e posição exata, denotam certos questionamentos quanto ao método, conforme indica Paula (2012), contudo não se pode desmerecer as propositivas levantadas pelo trabalho.

Neste sentido ao propor o descortinamento de uma possível cartografia das experiências em Monte Verde, o artigo avança na discussão de como cada indivíduo constrói a sua cartografia da cidade, revelando relações diferentes com os lugares e construindo imagens e percepções inatas à morfologia e paisagem da cidade. Balizado nos pressupostos da Geografia Humanista, que visa analisar as experiências do mundo vivido, o intuito é conceder uma voz ativa ao “narrador”, entendendo-o como àquele que, em última instância, experiencia o espaço de forma direta.

Dados os pressupostos levantados, a cartografia proposta pelo artigo objetivou analisar as espacialidades emergentes nas narrativas presentes nos *blogs*, pois mesmo que o escopo destas análises tenha sido identificar e cartografar experiências dos indivíduos no espaço, não se pode descartar as diferentes paisagens criadas e recriadas pelas narrativas. Nesta relação, é importante considerar as expressões decorrentes da vida cotidiana, sociais e culturais de uma dada espacialidade.

Um adendo é importante, a proposta do artigo foi levantar questões envolvendo os conteúdos presentes nos *blogs* e sua influência na construção de experiências acerca das cidades. No entanto, a cartografia defendida aqui não se resume apenas a palavras, tendo-se consciência de que a experiência do indivíduo no espaço se apresenta em

amplitude e complexidade, envolvendo outros sentidos. Mas não se pode desconsiderar que o conjunto de narrativas possibilita a construção de uma tipologia de discursos convergentes acerca de uma experiência de visitação.

De uma maneira geral, foi possível observar uma construção de experiências que visam conceder ao espaço diferentes formas de apropriação e que em alguns casos passam a criar verdadeiros “rótulos” espaciais, tematizando as experiências e relacionando-as a atributos existentes - naturais por exemplo - e totalmente recriados - arquitetura europeia nos moldes *kitsch*.

A forma como a cidade é descrita por aqueles que produzem conteúdos nos *blogs* faz uma referência à cidade como uma experiência e como um registro de memória, fazendo com o que a “sua interpretação sobre a urbe supõe também uma avaliação do seguinte teor ‘vale a pena ter visitado a cidade?’” (BARREIRA, 2012, p. 111).

## Referências

- CIRILO, Leczy Gotardo. Monte Verde: hospitalidade, turismo e imigração. *Revista Hospitalidade*, ano 3, n. 2, p. 63-75, 2006.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. *Cidades narradas: memória, representações e práticas de turismo*. Campinas: Pontes Editores, 2012. 246p.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Os guias turísticos em Berlim. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 1, p. 299-320, jun. 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas: Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985. 166p.
- BURDA, Naomi Anaue; MARTINELLI, Marcelo. Cartografia do turismo: a elaboração de roteiros turísticos do patrimônio cultural da Lapa – PR. *Geografias*, Vol.10, no 1, 2014, p. 24-40, jan/jun. 2014.
- BURSZTYN, Gabriel; BARTHOLLO, Roberto; ZREIK, Khaldoun. O smartphone nos trajetos cotidianos: refúgio, jogo e presença. *Revista Z Cultural*, Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea, 2018.
- FAGERLANDE, Sérgio Moraes Rego. *A construção da imagem em cidades turísticas: tematização e cenarização em colônias estrangeiras no Brasil*. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2015. 435p.
- FERRARI, Cynthia. Menezes Mello.; GANDARA, José Manoel. Fotografias de viagens: replicando cenas da viagem perfeita em Curitiba/PR. *Caderno Virtual de Turismo*. Rio de Janeiro, v. 15 n. 2., p.112-130, 2015.
- GASTAL, Susana. *Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas: Papyrus, 2006. 224p.
- GIRARDI, Gisele. Cartografia geográfica: entre o “já-estabelecido” e o “não-mais-suficiente”. *Revista RAE`GA*, v. 30, p. 65-84, abr. 2014.
- GUERRA, Abílio. Monte Verde: de santuário de imigrantes a refugio de cinéfilos. *Minha Cidade*, Vitruvius, ano 13, nov. 2012.
- JOLY, Fernand. *A cartografia*. Tradução Tânia Pelegrinni. Campinas: Papyrus: 1990. 136p.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- PAESE, Celma. Errando te leio: a experiência do contramapeamento da cidade contemporânea. *Revista Píxo*, n.1, v. 1, p. 1 -6, 2017.
- PAESE, Celma; MARIANO, Gabriela.; VOLPATO, C. Cartography of Hospitality. SBE: urban planning, global problems, local policie. Conf. Series: Earth and Environmental Science 503, 2020. Doi:10.1088/1755-1315/503/1/012086.
- PAESE, Celma; DEBIAZI, Pedro; MARIANO, Gabriela; ALVES JÚNIOR, Rui Fernando; MONTEIRO, Volvei. Cartografia sonora da Avenida Ganzo. *Revista Píxo*, v. 3, n. 11, p. 295-300, 2019.
- PAULA, Luiz Tiago de. Cartografias pessoais e experiência urbana: um estudo sobre a imagem da cidade de Campinas. *Geograficidade*, v. 2, n. 2, p. 23-39, 2012.
- PEREIRA, Ernandes de Oliveira. Cartografia, mapa e fotografia: outra narrativa das serras turísticas capixabas no contexto da educação geográfica do IFES. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 19, n.41, p. 234 - 257, set./dez. 2018.
- SILVA, Armando. *Imaginário, estranhamentos urbanos*. São Paulo: Edições Sesc, 2014. 247p.
- SILVA, Edilson Adão Cândido; FURQUIM JUNIOR, Laercio. *Geografia em rede*. São Paulo: FTD, 2016.
- SILVA, Maria da Glória Lanci da. *Cidades Turísticas: identidades e cenários de lazer*. São Paulo: Aleph, 2004.
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. 4 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, (2004) {1977}.
- WICHELS, Susana. Comunicação turística desafios e tendências na contemporaneidade. O caso de Tenerife. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, n.32, p. 88-106. 2018. doi: 10.18089/DAMeJ.2018.32.6.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.
- URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 231p.